

Dedé Monteiro\*

## Fim de feira

### Fim de feira

O lixo atapeta o chão,  
Um caminhão se balança,  
Quem vem de fora se lança  
Em cima do caminhão,  
Um ébrio esmurra o balcão  
Do botequim da esquina,  
Um gari faz a faxina,  
Um cego ensaca a sanfona  
E um vendedor dobra a lona  
Depois que a feira termina.

Missanga, fruta, verdura,  
Milho, feijão e farinha,  
Bode, suíno, galinha,  
Miudeza, rapadura...  
É esta a imagem pura  
D'uma feira nordestina,  
Que começa pequenina,  
Dez horas, não cabe o povo,  
E só diminui de novo  
Depois que a feira termina.

Um patrão sem consciência  
Diz bem cedo ao morador:  
Mais tarde eu pago ao senhor,  
E só ter mais paciência.  
Recebe o da Emergência,  
Compra uma vaca turina,  
Bebe, bota gasolina,  
Vai pra zona, joga, estraga.  
Mas ao morador só paga  
Depois que a feira termina

Na matriz que não se fecha,  
Muito apressado entra alguém  
E sai vexado também,  
Senão o transporte o deixa.  
O padre gordo se queixa  
Do calorão que o domina,  
Agita tanto a batina  
Que quem vê fica com pena,  
Toca o sino pra novena  
Depois que a feira termina.

Um pedinte se levanta  
Da beira d'uma calçada  
Chupando uma manga espada  
Pra servir de almoço e janta.  
Um boi de carro se espanta  
Se um motorista buzina,  
Um velho fecha a cantina,  
Um cachorro arrasta um osso  
E o pobre azavessa o bolso  
Depois que a feira termina.

Um vendedor de sapato,  
Já vendo a feira no fim,  
Começa gritando assim:  
Agora eu vendo barato.  
Um malandro ouve o boato,  
Para o lugar se destina,  
Pega sapato, botina...  
Enche o saco do rapaz  
E só diz que não quer mais  
Depois que a feira termina.

Quem trabalha em prefeitura  
Vai receber logo cedo,  
Mas o prefeito, em segredo,  
Diz: depois você procura.  
Se for preciso, ele jura  
Na providência divina.  
E o pobre diz: Sivirina

Tá isperano pru eu.  
Mas só recebe o que é seu  
Depois que a feira termina.

Um vendedor de mangalho,  
No fim de toda a manobra,  
Faz o caixa e junta a sobra  
Do que vendeu no retalho.  
Se não deu lucro o trabalho,  
O pobre a cabeça inclina  
E diz pra mulher: menina,  
Hoje eu entrei pelo cano.  
Fecha a mala e baixa o pano  
Depois que a feira termina.

Numa cidade cristã,  
Devota de São Vicente,  
É muito comum a gente  
Ver, logo assim de manhã,  
Um irmão ou uma irmã  
Na coleta vicentina,  
Escutando: vá pra China,  
Crie vergonha nessa cara.  
Mas a coleta só para  
Depois que a feira termina.

Um camponês que se engana  
Chega atrasado na feira,  
Nem acha mais macaxeira,  
Nem batata, nem banana...  
Empurra a cara na cana,  
Pra ver se esquece a ruína.  
Café, arroz, margarina,  
Açúcar, óleo de salada...  
Regressa e não leva nada,  
Depois que a feira termina.

No açougue da cidade,  
Das cinco e meia em diante,  
Não tem um pé de marchante,

Mas mosca tem com vontade.  
O faxineiro abre a grade,  
Tira uma mangueira fina,  
Pano, rodo, creolina...  
Deixa tudo uma beleza.  
Mas só começa a limpeza  
Depois que a feira termina.

O dono da miudeza,  
Já tendo fechado a mala,  
Escuta um rapaz que fala  
Do lado oposto da mesa:  
Meu senhor, por gentileza,  
O senhor tem brilhantina?  
E ele diz, com voz ferina:  
Aqui na mala inda tem,  
Mas eu não vendo a ninguém  
Depois que a feira termina

Um produtor vagabundo,  
Agiota e trapaceiro,  
Tenta enganar seu vaqueiro,  
Como faz com todo mundo.  
Destaca um cheque sem fundo,  
Enche o cheque, o cheque assina,  
Mas o rapaz não combina,  
Dá-lhe um murro, preso vai  
E do xilindró só sai  
Depois que a feira termina.

A filhinha de um mendigo,  
Sentada a seus pés num beco,  
Comendo um pão-doce seco,  
Diz: papai, coma comigo.  
E o velho pensa consigo:  
Meu Deus, mudai sua sina,  
Pra que a minha pequenina  
Não sofra o que eu sofro agora.  
Ri a filha, o velho chora  
Depois que a feira termina.

Um jumento estropiado,  
Magro que só a desgraça,  
Quando vê que a feira passa,  
Vai pra frente do mercado.  
O endereço ao danado  
Eu não sei quem diabo ensina,  
Só sei que ele baixa a crina,  
Entre cinco e cinco e meia,  
Lancha, almoço, janta e ceia  
Depois que a feira termina.

*Tabira, janeiro de 1980*

Publicado em: Monteiro, Dedé (2019), *Retalhos do Pajeú*. Vale do Pajeú, Pernambuco: A. Morais e W. Tenório: 69-73

\* José Rufino da Costa Neto é conhecido como Dedé Monteiro e reconhecido como um mestre da cultura popular, agraciado com o título de Patrimônio Vivo do estado de Pernambuco por sua expressiva produção poética e compromisso com a preservação dos saberes populares. O poeta nasceu em 1949, no Sítio Barro Branco, município de Tabira, localizado no sertão do Pajeú de Pernambuco, formou-se em Letras e Educação física. Publicou as obras *Retalhos do Pajeú* (1984), *Mais um baú de Retalhos* (1995), *Fim de feira* (2006), *Meu quarto baú de rimas* (2010), *Outros retalhos* (2011).